

51,7% possuem Ensino Fundamental incompleto e a maioria (87,7%, n=50) não estudavam antes da internação, sendo que 82,8% (n=48) estavam solteiros. Quanto aos níveis de depressão, estresse e ansiedade avaliados, verificou-se a média de depressão de 3,32 (DP=4,93); média de ansiedade: 2,86 (DP=3,76) e média de estresse: 4,32 (DP=6,08) nos escores. Desta forma, conforme a correção da DASS-21, os adolescentes apresentaram em sua maioria normalidade para os níveis de depressão (63,8%, n=37) ansiedade (58,6%, n=34) e estresse (63,8%, n=37). Porém, houve sintomatologia para depressão moderada (13,8%, n=8), níveis de estresse severo (12,1%, n=7) e ansiedade extremamente severos (12,1%, n=7). Tais achados corroboram com estudos sobre o uso de drogas como comorbidades presença de sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Tratando-se de dados preliminares, sugere-se a continuidade do estudo, a fim de que mais dados permitam uma análise mais robusta. Salienta-se a relevância de se compreender os aspectos que envolvem a adultez emergente em relação ao consumo de substâncias, já que se trata de uma população de vulnerabilidade e que ainda é pouco reconhecida dentro de suas especificidades. A avaliação de sintomas de depressão, ansiedade e estresse é essencial para se pensar em intervenções efetivas para esses indivíduos que estão em uma importante transição de estilo de vida, do adolescente para o adulto. Destaca-se a relevância de se intervir em tais sintomatologias em tratamentos específicos para transtornos por uso de substâncias visando um enfrentamento adaptativo referentes as problemáticas que envolvem o adulto emergente, sem necessitar do uso de drogas.

Palavras-chave: Drogas. Adultez emergente. Comunidade Terapêutica.

Correspondência

Luana Thereza Nesi de Mello

luananesi@hotmail.com

Psicoterapia Psicanalítica com pacientes surdos: um estudo qualitativo sobre aspectos e adaptações técnicas da prática

Juliana Torres Porto das Neves^b, Cleonice Zatti^b, Lúcia Helena Freitas^a

^a Psiquiatra – Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

^b Psicólogas, mestrandas do Programa de Pós Graduação em Psiquiatria da UFRGS

INTRODUÇÃO

A psicoterapia psicanalítica com pessoas surdas é um recurso de cuidado psicológico que está se construindo e ainda é desconhecida, como possibilidade de exercício, por muitos profissionais carecendo de mais pesquisas

e publicações. Assim como com ouvintes, a escuta do sofrimento de pacientes surdos é viável e efetiva. Para Marzolla (2012), as consequências da falta de audição, em alguns casos, podem ser “devastadoras”. À “lacuna” de comunicação – desde os primeiros anos de vida – em alguns sujeitos surdos, somadas a incapacidade do meio de lidar com a condição, pode gerar um problema sério: a dificuldade de subjetivar. Como reforça Solé (2005), a surdez é um fator problematizante na constituição do sujeito, uma vez que o mesmo dependerá de outras vias (e suportes) de acesso – que não a audição – à informações originalmente sonoras. Portanto, o acolhimento dos conflitos e a compreensão do inconsciente de pessoas surdas, mostra-se uma alternativa significativa para a melhora na qualidade de vida das mesmas.

Contudo, é importante que aqueles profissionais que se disponham a fazer essa escuta, estejam cientes das diferenças e alterações necessárias, advindas da condição da surdez, para que as sessões ocorram sem romper com os fundamentos psicanalíticos.

OBJETIVOS

Investigar e descrever os aspectos e adaptações técnicas a serem incorporados à prática daqueles que decidem atuar com esse público específico.

MÉTODOS

A presente investigação tem como alicerce a técnica de pesquisa qualitativa, de caráter investigativo. Será feito um levantamento de psicoterapeutas, instituições e clínicas que realizam atendimentos, em psicoterapia psicanalítica, com pacientes surdos, em Porto Alegre – RS. Serão aplicadas entrevistas semiestruturada em torno de questões norteadoras, as quais que serão gravadas e, em seguida, analisadas, comparadas e sintetizadas.

RESULTADOS

Os resultados serão descritos em composição com os objetivos geral e específicos da pesquisa.

CONCLUSÕES

A partir da investigação bibliográfica e estudo – previamente – realizados pela pesquisadora, é possível observar as barreiras sociais que o surdo enfrenta há muito tempo e que, mesmo passando por significativas e positivas transformações ao longo dos anos, continuam sobrepondo-se à limitação física. O preconceito, a inacessibilidade e a desinformação se mostram, ainda, muito presentes. A psicoterapia psicanalítica com pessoas surdas confirma-se possível e efetiva, entretanto, carente de mais pesquisas e publicações sobre o entendimento e a prática. Além disso, é evidente a escassez de profissionais que façam esse tipo de acolhimento, sobretudo, na psicanálise.

Referências

MARZOLLA, A. C. Atendimento psicanalítico do paciente com surdez. São Paulo: Zagodoni, 2012.

SOLÉ, M.C. O sujeito Surdo e a Psicanálise: uma outra via de escuta. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

Correspondência

Juliana Neves, Psicóloga, CRP 07/18462

jtpneves@gmail.com

Fone: 51 99620556

Prevalência de sintomas depressivos e grau de resiliência em pacientes de um Ambulatório de Transplante Renal de Porto Alegre – RS

Gustavo Bortoluzzi, Adilson Quinalha, Rafael Oliveira

Instituição: Hospital Psiquiátrico São Pedro

Introdução:

As doenças crônicas são vistas como agentes estressores de longa duração e que predispõem a maiores riscos de depressão. As chances de morte em pacientes hemodialisados é cerca de vinte vezes maior do que a população geral. A resiliência encontra-se como conceito chave para compreensão das ferramentas utilizadas pelo ser humano para a adaptação frente a situações traumáticas ou incapacitantes.

Objetivo:

Avaliar a presença de sintomas depressivos e grau de resiliência nos pacientes renais crônicos. Relacionar a presença de sintomas depressivos com o grau de resiliência avaliado em cada paciente.

Metodologia:

Estudo transversal em que os pacientes responderam três instrumentos autoaplicáveis antes das consultas psiquiátricas: um questionário sociodemográfico, o Inventário de Depressão de Beck (BDI -II) em que consiste em 21 afirmações a respeito de sintomas depressivos nos últimos quinze dias. A Escala de Resiliência de Connor-Davidson (CD-RISC-10), que abrange a capacidade das pessoas de superarem obstáculos, lidar com doenças e adaptação à mudanças. Os dados foram analisados pelo programa SPSS v. 18.0.

Resultados:

Amostra constituiu-se de 54 pacientes com média de idade de 46,2 anos, sendo 33,3% homens. Na avaliação